

AMIZADE COMO FIO CONDUTOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM PESQUISA

Autor

Prof^o Dr. Ciro Bezerra
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
ciro.ufal@gmail.com

Co-autora

Sheyla Maria Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
sheylarodrigues63@gmail.com

Co-autora

Janaina Maria da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
janainasilvaufal@gmail.com

Co-autor

Salatiel Braga Trajano Júnior
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
sbtrajanojr@hotmail.com

RESUMO

Desde 2011 os Grupos de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana vêm trabalhando em projetos de pesquisa, ensino e extensão com objetivo de promover a autonomia intelectual de seus componentes. Consideramos que o Programa de Ações Interdisciplinares – PAINTER, realizado entre 2011 e 2012, é o marco deste objetivo. Através dele desenvolvemos uma didática de estudo que muito tem contribuído para a formação teórica sólida dos discentes matriculados nos Cursos de Formação de Professores na Universidade Federal de Alagoas. Didática que conforma um tipo de formação singular: a formação de si. Formação que está fundada no método de leitura imanente, inspirada nas sugestões do filósofo Sérgio Lessa, na obra: Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo. O método também incorporou contribuições teórico-metodológicas propostas por Camargo e Sposito. Foi no estudo sistemático desses pesquisadores que o método foi aprimorado pelo Prof^o Ciro Bezerra. Ele postulou quatro momentos organizados em uma sequência pedagógica: diálogo crítico, mapa das unidades significativas e epistemológicas, diário etnográfico e interpretação compreensiva. Com esta sequência, que também consubstancia um método de revisão bibliográfica, realizamos a leitura sistemática de La Boétie, Marilena Chauí, Foucault, Sêneca, Epicuro. Pretendíamos nos apropriar dos sentidos atribuídos, por esses autores, à categoria amizade. Assim, nos apoderamos dos conceitos e ideias sobre a categoria amizade. A amizade se nos revelou como princípio educativo do trabalho pedagógico. Hoje ele é vivenciado no Projeto Formação de Si: círculo comunitário de atividades extensionistas, iniciado em agosto de 2016, envolvendo estudantes do Ensino Médio de três Escolas Estaduais no Estado de Alagoas: Alfredo Gaspar de Mendonça e Maria Ivone Santos de Oliveira, em Maceió; e Rocha Cavalcanti, em União dos Palmares. São nessas Escolas que temos aplicado o método da leitura imanente, e nos esforçamos em identificar e analisar os sentidos da categoria amizade, que orienta nossas ações e relações. Este artigo tem a intenção de discorrer sobre o princípio educativo da amizade, que orienta nossas pesquisas e estudos.

Palavras-chave: amizade, princípio educativo do trabalho pedagógico, método da leitura imanente.



INTRODUÇÃO

Compreendemos o trabalho pedagógico em pesquisa como um processo metabólico de maturação e metamorfose intelectual da pessoa. Uma “atividade humana sensível” que potencializa a formação de si e, neste sentido, fortalece o governo de si contra o governo dos outros. Aliás, a pesquisa, mediada pelo estudo sistemático, pressupõe um tipo de formação livre de distorções e sujeições ao governo dos outros. Este tipo de “trabalho de si, em si, por si e para si”, apenas é possível ser vivido dentro dos princípios da ética das virtudes, proposta pela filosofia antiga (socrática, estoica, epicurista). Os princípios da ética das virtudes são contrários à ética deontológica, que afirma a formação para o mercado.

Um dos aspectos do trabalho pedagógico em pesquisa é, certamente, a arte de revolucionar a alma (sentimentos, pensamentos e ações), como propõe os filósofos antigos. Várias são as situações e condições de possibilidades para se poder exercer a atividade da pesquisa nesse sentido. E até contra ele. Paratanto, é preciso dispor a vida que se tem à árdua dedicação às práticas em estudos e pesquisas; entregar a esta nobre “atividade humana sensível” nossos corpos e almas, sem temer, vacilar ou titubear.

Vários são os casos em que a vivência com a formação intelectual disseminou a amizade como princípio educativo do trabalho intelectual. Por exemplo: a vida de Sócrates, de Epicuro, de Sêneca, de Marx, de Engels, de Gramsci, de Lukács, entre muitos pensadores (antigos e modernos). Nada mais oportuno em falar, sinteticamente, das nossas entregas a esse princípio, e como elas se processaram nos Grupos de Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana e Milton Santos.

METODOLOGIA

Esse artigo é um relato de experiência. Trata-se de explicitar as vivências em pesquisa, ensino e extensão dos componentes do Grupo de Pesquisa Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. Grupos criados em 2006, que tem como marco fundamental a realização do Programa de Ações Interdisciplinares – PAINTER, quando desenvolvemos o método da leitura imanente. O artigo é a síntese histórica do funcionamento da categoria da amizade. Que, se a princípio não tínhamos consciência clara do que vivíamos. Muitos a reconheciam intuitivamente. Foi então que tivemos a oportunidade de nos debruçarmos sobre esta categoria no Trabalho de Conclusão de Curso do, hoje, graduando em Licenciatura em Geografia, Denis Avelino dos Santos. A dedicação e comprometimento deste estudante dedicamos este artigo. Seu nome só não

consta por questões financeiras, mas todos nós reconhecemos, aqui, explicitamente, nossa dívida as suas inestimáveis contribuições. Em nome de nossas amigadas o saudamos!

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As motivações que mobilizam as nossas investigações sobre os modos de apropriação de conhecimentos nos Grupos de Estudo em que participamos iniciaram, efetivamente, por volta de 2011, com a realização do PAINTER. Foi neste momento singular, constituinte e constituidor da geografia social em que nós nos constituíamos pessoalmente, e pressionado por determinações sociais específicas, que os componentes dos Grupos conquistaram a consciência de ver, saber e compreender que o trabalho pedagógico em estudos e pesquisas, que se propõe à apropriação de conhecimentos, é um problema geohistórico.

Um conjunto de situações vivenciadas na Universidade Federal de Alagoas foram pouco a pouco nutrindo nossas reflexões e delineando nossos caminhos. Daí entendermos que as formas e métodos que utilizávamos para realizar nossos estudos e pesquisas sempre resistiram às exigências burocráticas e administrativas. Resistiam ao que é estabelecido formalmente como ciclo do trabalho pedagógico em pesquisa: execução das metas contidas em cronogramas, prazos e relatórios parciais e finais.

Aprendemos que pesquisas sérias e rigorosas no âmbito das Ciências da Educação levam anos para serem concluídas. De forma alguma nossos estudos e pesquisas se cumpriram dentro dos prazos e dos percursos instituídos, tendo, no final, como coroamento institucional desse percurso, a emissão e entrega de um mero certificado, um pedaço de papel, que comprova a conclusão de uma etapa de pesquisa.

Sempre tivemos em nosso horizonte o desenvolvimento intelectual, os estudos teóricos rigorosos, como princípio da formação universitária. Sempre resistimos à um determinado roteiro instituído que envolve: coleta de dados, sistematização, agrupamento de categorias, análise e publicação. Para nós, o trabalho pedagógico em pesquisa é muito mais que isto! Põe em questão a nossa existência, o que fazemos com nossos corpos e mentes enquanto pesquisamos! A pesquisa e o estudo são problemas existenciais que afligem os sujeitos pedagógicos.

Um primeiro momento dessa jornada foi enriquecido em várias situações: nas discussões em sala de aula; nos experimentos em monitorias; nas participações dos debates e embates em

Congressos, Colóquios e Conferências; nas vivências com pesquisas e extensão, que envolviam escolas públicas, Movimentos Sociais, Sindicais, entre outras organizações sociais e populares.

Um segundo momento, que não está desligado do primeiro, foi nossa participação em Grupos de Pesquisas. Foram extensas e fecundas aprendizagens no Grupo de Estudo e Pesquisa Milton Santos e no Grupo de Estudo e Pesquisa Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana. A participação nestes espaços foi consolidando um conjunto de experiências, habilidades e competências que definiram nossa posição e exigiram que posicionássemos no universo das práticas acadêmicas, determinando nosso modo de vida e formas de existência.

O trabalho pedagógico em estudo e pesquisa, como modo de viver a vida de um jeito único e singular, se revelou para todos nós como grande desafio na construção de nossas personalidades. O que exige a elaboração de nossa autonomia pelo desenvolvimento intelectual. Assim, conseguimos afastar, de nosso horizonte, a tosca ideologia da formação profissional, socioterritorializada nos cursos de graduação das universidades brasileiras, sob a orientação dos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura, para assumirmos o compromisso em construirmos a nossa formação intelectual por nós mesmos, sempre pautada na crítica sincera, verdadeira e aberta.

Só recentemente, tomamos consciência de que o que movia os componentes dos Grupos a participarem, ativamente e com afinco, das atividades foi e é um conjunto de princípios éticos que mediavam as nossas atitudes, o sentimento de comunhão, de partilha recíproca de nosso tempo de vida. Assim, nossos encontros foram sempre, de alguma forma, tocados pelo princípio filosófico da amizade, a liga que tornava afáveis nossos encontros. Foi o princípio filosófico da amizade que, ainda hoje, faz docentes e discentes deslocarem-se de suas casas, nas manhãs de sábados, para a UFAL, porque esse princípio tem a forma de nos mobilizar por criar um ambiente único para o desenvolvimento intelectual, um coletivo de estudantes universitários que, em alguns momentos, atingiu quase uma centena.

Mas, o que é mesmo o princípio da amizade? O que ele tem a ver com as atividades de estudos e pesquisa, com o trabalho pedagógico em pesquisa? Em que este princípio contribui para elevar a autonomia intelectual, desenvolver o intelecto e nossas virtudes?

A filósofa Marilena Chauí (2014) interpretou, profundamente, a grande contribuição formulada por La Boétie sobre o princípio da amizade. A ideia genuína que esse pensador deixou como legado à posteridade é que *a amizade não é apenas uma forma virtuosa de viver entre iguais (o que já é profundamente grandioso), mas, sobretudo, uma forma de dissipar as condições de*

dominação e opressão. A amizade é um caminho profícuo para o exercício da liberdade. Isso porque a amizade “é a não elevação de um [entre muitos]” (CHAUÍ, 2014, p. 18, *itálicos nossos*).

Chauí afirma que

A amizade só é possível entre iguais e se mantém apenas se os amigos não elevarem um dos seus acima deles, convertendo-o em senhor. Liberdade é ser ‘servo de ninguém’, [o que] só é possível se a igualdade entre os diferentes não se transformarem em desigualdade entre superiores e inferiores (CHAUÍ, 2014, p. 18).

Essa compreensão de La Boétie enfatiza o poder político da amizade, permitindo contrapor o poder da amizade ao poder da tirania e, por extensão, aos juízos do poder autoritário, aos regimes de verdades opressores. Para os Grupos de Pesquisa, dos quais somos integrantes, esta proposição veio esclarecer o sentido de nossas práticas, o que vivemos nos processos educativos que realizamos. Compreendemos que o poder político da amizade também pode ser admitido como um princípio educativo do trabalho pedagógico em pesquisa, isto é, a amizade pode orientar a produção, socialização e apropriação de conhecimentos e proporcionar confiança aos sujeitos pedagógicos: na conquista da autonomia intelectual e na realização do trabalho pedagógico em pesquisa. O que é isto senão o propósito, a que nos dedicamos, de construir, coletivamente, em todos esses anos, *a amizade*, o princípio que tem norteado esse projeto coletivo dos Grupos de Pesquisa: um modo de vida que deu sentido às práticas acadêmicas de todos nós, os componentes desses Grupos?

A pesquisa é uma atividade que nos posiciona teleologicamente em uma situação de busca da autonomia. Autonomia em dar respostas aos problemas sociais do mundo, às situações de incômodo na vida, na cidade e no campo, ao que se nos revela um paradoxo: as atitudes que exterminam as virtudes do ser humano, por eles mesmos, como são as atitudes que negam o direito e a liberdade de estudar, pelos sujeitos pedagógicos!

Daí compreendermos, pois, a pesquisa como processo dialético entre duas situações básicas: a ética e a política. Em se tratando do compromisso com o rigor nos estudos, toda a postura que o corpo acaba adquirindo solicita que se tenha a crítica como critério e a liberdade intelectual como política, colocando-nos, no mínimo, em uma posição que se contrapõe aos regimes de verdades opressores e alienantes, das formas institucionalizadas de proceder cientificamente, a partir de burocracias desnecessárias. São esses processos burocráticos, controlados por gestores bem treinados, que orientam estudos e pesquisas com forte impacto em resultados reduzidos e estratégias comprometidas com os interesses do capital.

Mas o legado da geografia crítica, assim como as contribuições teóricas de Bourdieu, nos ensinam que o dado visível e imediato nem sempre expressa, claramente, as contradições das determinações sociais mais amplas. Para captar os sentidos existentes na localização, os dados e problemas encontrados e estudados não bastam, não são suficientes para explicar esses sentidos. É preciso compreender o território como determinação dos sentidos dos lugares. Compreender o território como configuração geográfica de relações sociais difusas, governo e apropriações de recursos existentes em determinado espaço social pelas diferentes classes e frações de classe, permite entender o sentido das localizações de uma forma mais ampla que a forma sociológica de compreendê-lo. Isso nos impõe a tarefa de reconstruir a teoria social considerando os conhecimentos geográficos, suas categorias, conceitos, ideias e teorias, para compreender as especificidades da produção, socialização e apropriações dos conhecimentos pedagógicos.

Atualmente, nossa percepção, construída a partir de nosso referencial teórico-metodológico, compreende que a discussão acerca do Território & Educação exige, dentre outras coisas, ampliar a análise, por vezes reduzida, dos processos internos das práticas escolares. É óbvio que isto não implica negar as particularidades escolares, mas valorizar a relação entre território e educação, o efeito de um e outro na produção, socialização e apropriação de conhecimentos. Pois, a escolarização é uma totalidade complexa que se socioterritorializa através de suas práticas. Mas, priorizar alcançar a singularidade de um objeto particular, como a educação, para depois alcançar sua universalidade, no território, é, no mínimo, contraditório, quando se pretende compreender a relação entre esses complexos categoriais.

A relação dos fenômenos materializados no território e na educação não se localiza na escola. Mesmo o efeito escola não pode ser compreendido dissociado das dinâmicas territoriais. Entendemos que as questões escolares envolvem a configuração geográfica. Elas não se restringem à sala de aula, à gestão escolar, ao currículo e aos espaços internos à escola, como pátio, biblioteca, laboratórios e refeitórios. Envolve tudo isso e muito mais, por exemplo, o capital cultural dos familiares e a distribuições dos serviços públicos e recursos urbanos. A geografia dos conhecimentos socializados pelos Cursos de Licenciaturas de Pedagogia e Geografia impõe determinações às escolas.

Assim, esse artigo é apenas uma síntese e estágio atual de todo um percurso e experiências de que fomos apropriando nos Grupos, na realização de estudos e pesquisas. É fruto dessa geohistória, vividas nos Grupos de Pesquisa, que materializam os aspectos objetivos e subjetivos do trabalho pedagógico em estudo e pesquisa. É um movimento duplo: na medida em que pesquisas e estudos são trabalhados de uma forma, simultânea e sistematicamente, eles trabalham em nós.

Qual o resultado desse trabalho pedagógico de si sobre si e por si? Um grande prazer! Satisfação em trabalhar e poder contribuir para uma questão fundamental, isto é, colaborar para compreender os efeitos e desdobramentos desta “atividade humana sensível”, singular, que é o trabalho pedagógico em pesquisa. E ainda que se realize no território do capital.

Entendemos, também, essa aproximação categorial entre os conhecimentos que formam os professores em diferentes Cursos de Licenciaturas, em diferentes lugares e regiões. Como se imbricam território e educação em um determinado território nacional. Compreender a socialização dos saberes em uma geografia do conhecimento é um grande desafio para os professores. Contribui para um posicionamento teleológico comprometido com as transformações radicais da qualidade do trabalho pedagógico escolar e o trabalho pedagógico em pesquisa. Trata-se, então, e é o que se afirma e presenteia nossas memórias, da dissolução da servidão voluntária, embutida na formação profissional, instrumento capitalista de dominação social.

CONCLUSÃO

Nas atividades dos Grupos constatamos que, conceber a sala de aula como Caixa de Pandora, ou a Profissão Docente como alternativa à proletarização e precarização da educação, é um grande fetiche.

Foram várias situações que dificultaram nossa plena participação nas atividades de estudo e discussão: limitações colocadas pela dedicação simultânea ao trabalho e ao estudo, à família, entre outros compromissos; ocupações que demandam tempo e diminuem, objetivamente, a dedicação necessária aos encontros dos Grupos de Pesquisa. Mas foi a persistência na participação dos encontros dos Grupos de Pesquisa, na ocupação com as atividades requeridas como a leitura, interpretação e escrita de algumas obras de Milton Santos, que acabaram se impondo e nos fizeram pedir demissão do trabalho para nos dedicar integralmente ao trabalho pedagógico em pesquisa (sempre exigido pelo Profº Ciro), como forma de apropriação sistemática dos conhecimentos geográficos.

Entre tantos afazeres, afirmamos como o mais nobre entre eles, os estudos sistemáticos e as reflexões e diálogos sobre os textos. No início, essa foi uma experiência complicada. Isso porque, imediatamente, vieram à tona as limitações de leitura e interpretação; logo, de escrita. Era “chato” perceber que era muito pouco tudo aquilo que captávamos com nossas primeiras leituras. Isso incomodava! Mas também nos empurrava para frente, visando superar nossos limites intelectuais, pois nos sentíamos obrigados a ter que dedicar mais e mais horas aos estudos.

Por conseguinte, descobrimos que a submissão às regras, atitudes e compromissos, com os estudos e pesquisas, era inevitável. Esta condição constituía-se em um pressuposto para nossa participação efetiva nas atividades realizadas pelo Grupo. O que foi configurando um processo de adaptação das nossas posturas em relação à apropriação de conhecimentos, processo de compreensão e dedicação, ao rigor acadêmico que é exigido aos estudantes universitário.

Podemos ver, hoje, que parte de nossas angústias era efeito de nossa ansiedade e impaciência, pois não estávamos, ainda, habituados a assumir esse específico modo de vida de trabalho, pois não tínhamos desenvolvido o *habitus* necessário. Sem dúvida, isso aprendemos bem! Para estudar é preciso se habituar, desenvolver disposições específicas, de acordo com os propósitos em questão, sem tornar tal desenvolvimento tedioso e/ou burocrático.

De lá para cá, um imenso esforço aconteceu, tanto individual quanto coletivo. Esforço que se foi consolidando, ao longo do tempo, com a ajuda dos participantes dos Grupos: docentes e discentes. Não sabemos pensar em alternativas diferentes deste percurso intelectual. O interesse comum que movia os componentes do Grupo em entender, questionar, sugerir e compartilhar reflexões, sobre determinado tema ou conteúdo, estreitava, paulatinamente, as interações de um com o outro. Víamos, ali mesmo, cara a cara, olho no olho, face a face, as limitações e potencialidades de cada um e cada uma. Mas, diante de todas as dificuldades, algo se destacava nesse percurso. Vários encontros foram consolidando um ensinamento mútuo sobre as diferentes formas de aprender, de perceber os conteúdos em questão, de buscar respostas em questões propostas, enfim, vibrar com as descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, C. **Geografia do capital: Teoria, pesquisa e intervenção social**. (Pós-doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente. Brasil, 2012.

_____. **Modernidade, conhecimento e teoria social**. Maceió: Mimeografado, 2011.

_____. **Economia política do trabalho pedagógico**. Maceió: Mimeografado, 2010.

_____. **Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci**. Maceió: EDUFAL, 2009.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; PA, RS: ZOUK, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Efeitos de Lugar**. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 159-166.

BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Superior. **Referenciais curriculares nacionais dos cursos de bacharelado e licenciatura/Secretaria de educação superior**. – Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/site/arquivos/pdf/Referenciais-Curriculares-Nacionais-v-2010-04-29.pdf>> Acesso em: 15-08-2014.

BRENNAN, Tad. **A vida estoica: emoções, obrigações e destino**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAMARGO, M. A. B. **Alfabetização: introdução ao mundo do texto e ao texto do mundo**. Revista multidisciplinar, n. 03, jun, 2007.

CHAUÍ, M. **O poder político da amizade**. In: SANTIAGO, Homero (Org.). *Contra a servidão voluntária*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 11-19.

_____. **A amizade recusa do servir**. In: SANTIAGO, Homero (Org.). *Contra a servidão voluntária*. 2. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 21-99.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A coragem da verdade: o governo de si II: curso dado no Collège de France (1983-1984)**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Do governo dos vivos: curso dado no Collège de France (1979-1980)**. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da sexualidade. 3: o cuidado de si**. 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª edição, 1988.

_____. **A Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª edição, 1981.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857 e 1858: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Manuscritos: economia y filosofia**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In: SANTOS, Milton. et al. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. 3ª ed. São Paulo: Lamparina, 2011, pp. 13-21.

SÊNECA. **Sobre os enganos do mundo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, N. M. B. da. **O conceito da Amizade a partir de La Boétie**. In: **A amizade em Montaigne**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, São Paulo, p. 18 - 26.

SPOSITO, E. S. **Elementos do Método**. In: **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico – SP: UNESP, 2004**.

_____. **Teoria e Conhecimento e Realidade Objetiva**. In: **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico – SP: UNESP, 2004**.

_____. **Leitura e Interpretação dos textos**. In: **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico – SP: UNESP, 2004**.